



O LIVRO DE JÓ E O DESAFIO DA VERDADEIRA RELIGIÃO

(The book of Job and the challenge of true religion)

Tiago de Fraga Gomes

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)

E-mail: tiago_mail@yahoo.com.br

RESUMO

O problema capital do livro de Jó corresponde à questão de como conjugar os males de um inocente com a justiça de Deus. Para a doutrina corrente das retribuições terrestres, tal caso seria paradoxal. Se cada um deve ser tratado segundo suas obras, como um justo pode sofrer? Há uma ligação entre o sofrimento e o pecado pessoal. Contra essa rigorosa correlação, Jó se levanta com toda a força de sua inocência. Luta desesperadamente para reencontrar Deus que se esquivava e em cuja bondade ele continua crendo. Deus intervém apenas para revelar a transcendência de seu ser e de seus desígnios e reduzir Jó ao silêncio. Esta é a mensagem religiosa do livro de Jó: o homem deve persistir na fé até mesmo quando seu espírito não encontra sossego. O livro de Jó nos questiona: existe religião gratuita, ou ela é sempre um comércio interesseiro? De rico e próspero, Jó se torna pobre e sem futuro. Apesar disso, Jó continua fiel e reconhece que Deus tem o direito absoluto de dispor de tudo o que lhe havia dado. Jó diz: “se aceitamos de Deus os bens, não devemos também aceitar os males?” (*Jó 2,10*). Jó demonstrou que é capaz de religião gratuita, sem qualquer sombra de recompensa.

Palavras-chave: Jó; Justiça; Religião; Retribuição; Sofrimento.

ABSTRACT

The central problem of the book of Job is represented in the question on how to combine the evils of an innocent with the righteousness of God. For the current doctrine of earthly rewards, such a case would be paradoxical. If each one must be treated according to his works, as a righteous man can suffer? There is a link between suffering and personal sin. Against this strict correlation, Job stands up with all the strength of his innocence. He fights desperately to rediscover God that evades and whose kindness he continues to believe in. God intercedes only to reveal the transcendence of his being and his designs and reduce Job to the silence. This is the religious message of the book of Job: man should persist in faith even when his soul isn't quiet. The book of Job asks us: is there free religion or it is always a self seeking trade? Rich and prosperous, Job becomes poor and with no future at all. Nevertheless, Job remains faithful and recognizes that God has the absolute right of disposing of all that had given him. Job says: “If we accept God's riches, shouldn't we also accept evil?” (*Job 2,10*). Job demonstrated that he is able to profess and live a free religion, without any reward shadow.

Keywords: Job; Justice; Religion; Retribution; Suffering.



INTRODUÇÃO

O livro de Jó traz o caso de um justo sofredor. O problema capital do livro é como conjugar os males de um inocente com a justiça de Deus.¹ Jó pertence a um estágio da vida judia em que o problema do sofrimento parece insolúvel. Para a doutrina corrente das retribuições terrestres, tal caso seria paradoxo irreal: o homem recebe aqui na terra a recompensa ou o castigo de suas obras. Essa é a teologia da retribuição² vigente na época de Jó. *Dt 28* e *Lv 26* estendem essa doutrina ao plano coletivo; *Jz* e *1-2 Rs* mostram como o princípio se aplica no desenrolar da história; a pregação profética supõe esse princípio constantemente. A questão da responsabilidade individual já é latente, e às vezes expressa, como em *Ez 18*. Mas até mesmo Ezequiel se restringe às retribuições terrestres.

Se cada um deve ser tratado segundo suas obras, como um justo pode sofrer? Ora, há justos que sofrem, e cruelmente: Jó, por exemplo.³ O leitor sabe, pelo prólogo, que seus males vêm de Satã e não de Deus e que eles são uma prova de sua fidelidade. Mas Jó não o sabe, e tampouco seus amigos. Estes dão as respostas tradicionais: a felicidade dos maus é de curta duração (cf. *Sl 37*; 73), o infortúnio dos justos prova a sua virtude (cf. *Gn 22,12*), ou então a pena é castigo pelas faltas cometidas por ignorância ou por fraqueza (cf. *Sl 19,13*; 25,7). Isso, na medida em que acreditam na inocência relativa de Jó, mas os gritos que a dor lhe arranca, suas queixas contra Deus, levam-no a admitir nele um estado de injustiça muito mais profundo: os males que Jó padece não se podem explicar senão como castigo de pecados graves. Há uma ligação entre o sofrimento e o pecado pessoal. Contra essa rigorosa correlação, Jó se levanta com toda a força de sua inocência. Não nega a retribuição terrena; espera-a e Deus a concederá finalmente no epílogo. No entanto, é escandaloso o fato de ela lhe ser negada no presente, buscando em vão o sentido de sua provação. Luta desesperadamente para reencontrar Deus que se esquivava e em cuja bondade ele continua crendo. E quando Deus intervém, é para revelar a transcendência de seu ser e de seus desígnios e reduzir Jó ao silêncio.

¹ Segundo Van Den Born, “o problema central do livro não é em primeiro lugar um problema de teodiceia, isto é, de como conciliar o sofrimento não merecido com a justiça de Deus, mas de moral e prática, isto é, de como integrar o sofrimento na existência humana. Quanto a isso, os amigos de Jó representam a concepção mais antiga, tradicional: todo sofrimento é castigo pelo pecado; que Jó examine a sua consciência, se converta e faça penitência. Jó, porém, na base de sua própria experiência, protesta com veemência contra a atitude fria e o julgamento categórico de seus amigos. Certo de si mesmo, ele testemunha a sua inocência, ousa desafiar a Deus para provar o contrário e, apesar de certos momentos em que receia o contrário, conta com uma reabilitação pública da parte de Deus. E é o que acontece. Com isso o livro rompe o impasse a que chegara a doutrina veterotestamentária da retribuição” (BORN, A. Van Den (org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 792). Para Wilfrid Harrington, “nos diálogos, Jó luta com um problema torturante: ele está sofrendo, e sabe que é inocente. A insuficiência da posição tradicional tornou-se patente” (HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia*, p. 323).

² De acordo com Luiz José Dietrich, “para a teologia da retribuição Deus é quem dá a riqueza para alguns e a pobreza para outros: os ricos são ricos porque passaram por esta prova, são justos. Os pobres são pobres porque não confiaram na justiça de Deus, são pecadores” (DIETRICH, Luiz José. *O grito de Jó*, p. 14).

³ Evilázio Teixeira afirma que “o drama de Jó é o drama de todos nós, peregrinos neste mundo. Como explicar o problema da dor e do sofrimento presente na vida? [...] O problema do sofrimento humano já motivou a escrita de muitas literaturas e já foi palco de muitas tragédias teatrais. [...] Apesar da rica literatura existente, o problema do sofrimento continua sendo um mistério” (TEIXEIRA, Evilázio. *O gemido de Jó, gemido do povo*, p. 9).



Esta é a mensagem religiosa do livro de Jó: o homem deve persistir na fé até mesmo quando seu espírito não encontra sossego. Naquela etapa da revelação, o autor do livro de Jó não podia ir mais longe. Para aclamar o mistério da dor inocente, era preciso aguardar que se tivesse a certeza das sanções de além-túmulo e conhecer o valor do sofrimento de Cristo. À pergunta angustiante de Jó responderão dois textos de São Paulo: “os sofrimentos do tempo presente não tem comparação com a glória que há de revelar-se em nós” (*Rm* 8,18); “completo em minha carne o que falta às tribulações de Cristo em favor de seu Corpo, que é a Igreja” (*Cl* 1,24).

Jó é um personagem paradigmático. Podemos dizer que o livro de Jó é a revisão daquilo que chamamos *religião*. A questão fundamental do livro é: existe religião gratuita, ou ela é sempre um comércio interesseiro?⁴ Jó é íntegro, ou seja, perfeito ou inocente. Sua perfeição pessoal e social vem do fato de temer a Deus, ou seja, de reconhecer que Deus é Deus e o homem não é Deus, e de evitar o mal. Jó é, portanto, um homem íntegro e integrado consigo mesmo, com os outros e com Deus. Nada lhe pode ser recriminado.⁵ Jó não é um pecador. Nele se realiza o ideal que toda pessoa de fé almeja. Satã desafia a Jó, se ao perder toda a sua riqueza, continuará fiel a Deus. Em outras palavras, isso quer dizer: será que o pobre é capaz de fidelidade gratuita, independentemente de qualquer recompensa material? De forma estilizada, o relato apresenta o total despojamento de Jó. De rico e próspero, Jó se torna pobre e sem futuro. Jó continua fiel e reconhece que Deus tem o direito absoluto de dispor de tudo o que lhe havia dado.⁶

Jó personifica todos os pobres que, mesmo perdendo tudo ou não possuindo nada, não se revoltam, não maldizem a Deus. Mas até onde o pobre é fiel a Deus? Jó é satanicamente atingido por uma doença incurável, talvez a lepra ou algo semelhante. Nesses casos, a lei previa o afastamento do convívio social, de modo que o doente ficava inteiramente marginalizado. Empobrecido, doente e marginalizado, Jó é o retrato fiel da miséria humana. Jó diz: “se aceitamos de Deus os bens, não devemos também aceitar os males?” (*Jó* 2,10). Isso significa um ato de fé extrema. Jó demonstrou que é capaz de religião gratuita, sem qualquer sombra de recompensa.⁷

1. CADA UM GERA SEU PRÓPRIO SOFRIMENTO?

O dogma da retribuição aparece no horizonte da controvérsia. Elifaz, diante do desespero de Jó, intervém apelando ao “médico, cura-te a ti mesmo”, uma vez que Jó ajudou a muitos e agora é a vez de ajudar a si mesmo. Elifaz enuncia o dogma da retribuição, segundo o qual Deus recompensa o justo e castiga o injusto. A conduta boa ou má do homem é sempre a responsável eficaz pelo seu bom ou mau destino. O caminho da dúvida surge: se Jó foi tão duramente castigado, como é possível que fosse justo? Elifaz fala da santidade absoluta de Deus, afirmando que Deus é sempre justíssimo. Consequência disso é que se o homem, e no caso Jó, cai na desgraça, isso é devido unicamente ao próprio homem, que “gera seu próprio sofrimento”. De acordo com esse raciocínio, o sofrimento atual de $\frac{3}{4}$ da humanidade que vive

⁴ Cf. STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Jó*, p. 7.

⁵ Cf. *Id. Ibid.*, p. 12.

⁶ Cf. *Id. Ibid.*, p. 13-14.

⁷ Cf. *Id. Ibid.*, p. 14-15.



na pobreza é gerado por ela própria.⁸

Segundo o conselho de Elifaz, Jó deveria aceitar o sofrimento como lição e correção. Mas correção do quê? Não diz. Mas sugere que Jó se arrependa e Deus o libertará, dando-lhe vida próspera e longevidade.⁹ Percebemos logo quão implacável é o dogma da retribuição. Para os que estão bem, tudo bem. Ele é até interessante e tranquilizador. Para os que estão na desgraça, não fica nenhuma escapatória. Como Deus é justíssimo, o mal é sempre culpa e produto do próprio homem mau. Mas logo surge o questionamento: e quando nada se fez para merecer castigo? De acordo com o dogma da retribuição, os empobrecidos e enfraquecidos sempre seriam os únicos culpados por sua própria desgraça, e esta sempre seria aplicada pelo Deus justo como castigo.¹⁰

Percebemos aí a imagem de um Deus terrível, em vez de ser misericordioso. Isso reflete na práxis social: não precisamos ser misericordiosos para com os pobres, eles mesmos são culpados pelo seu *status quo*. O pobre é que tem que se arrepender de seus erros e se redimir. Assim, não é preciso ter solidariedade e nem praticar a caridade. Essa é a defesa de um dogma que perverte a verdadeira religião que tem como opção preferencial os pobres. Jó vem destruir a falsa religião e colocar diante de nossos olhos o desafio da verdadeira religião.

Baldad percebeu que Jó havia atacado o Deus que sustenta o dogma da retribuição ou, melhor dizendo, o Deus sustentado por tal dogma. Prevendo as consequências, Baldad enuncia o princípio de que Deus é justo. Na visão de Baldad, o princípio explica os fatos. Deus está castigando Jó pelos crimes que seus filhos cometeram: os filhos morreram, mas Jó foi agraciado com o tempo para se arrepender e, assim, reaver tudo o que possuía. É o mesmo argumento usado por Elifaz. Contudo, o conselho, no fundo, é o de praticar uma religião interesseira, coisa que Satã já havia denunciado.¹¹ O argumento de Baldad é grave, porque se alicerça na tradição dos antepassados e na observação experimental. Por fim, ele o aplica a Jó e o exorta ao arrependimento. Podemos nos perguntar: será que a justiça de Deus implica necessariamente uma injustiça no homem? Será que o pobre é sempre culpado ou, quando não, castigado pelos crimes de sua prole?¹²

O dogma da retribuição faz da religião o que Satã defendia em sua tese: de que os homens praticam uma religião interesseira. Jó nos ensina a confiar em Deus na saúde e na doença, na pobreza e nas necessidades, faz-nos perceber que Deus vai além da justiça interesseira. É a quebra dos paradigmas de uma falsa religião baseada no dogma da retribuição, no interesse, na falta de solidariedade. Quando procuramos os nossos próprios interesses e usamos a religião para justificar isso, acabamos por escravizar o pobre e o necessitado, dizendo que estes são injustos e culpados e que Deus é o justo que pune as suas faltas.

2. UM DEUS DISTANTE, DESPÓTICO E ARBITRÁRIO?

Baldad aconselha Jó a procurar Deus com arrependimento. Jó, porém, não tem do que se

⁸ Cf. *Id. Ibid.*, p. 19.

⁹ Cf. *Id. loc. cit.*

¹⁰ Cf. *Id. Ibid.*, p. 19-20.

¹¹ Cf. *Id. Ibid.*, p. 22.

¹² Cf. *Id. loc. cit.*



arrepende. Ele está com a razão, e gostaria de se confrontar abertamente com Deus, num pleito judicial. Contudo, seria isso possível? “Como pode um homem ter razão diante de Deus?” (Jó 9,2). Jó reconhece, ironicamente, que Deus é poderoso demais, enquanto o homem não passa de simples mortal. Além disso, como Deus é despótico e arbitrário, mesmo que aceitasse o confronto num pleito, jamais daria razão ao homem. A distância entre Deus e o homem é infinita, o modo de Deus agir é incompreensível, e isso tudo dificulta qualquer diálogo. Seria necessário um juiz intermediário que presidisse uma negociação e reconciliação entre as partes. O árbitro deveria ser ao mesmo tempo divino e humano, a fim de fazer justiça a Deus e ao homem. Essa é em pleno Antigo Testamento uma primeira intuição sobre a necessidade da Encarnação. Apenas através dela seria possível que Deus compreendesse as razões do homem, e, ao mesmo tempo, que o homem compreendesse as razões de Deus.¹³

Quem criou tal distância entre a criatura e o Criador? Quem fabricou um Deus tão despótico, arbitrário e distante, sentido pelo pobre como um fardo esmagador? A quem beneficia esse Deus? Quem estaria ganhando com a concepção de um Deus que fecha o diálogo e tem prazer de esmagar $\frac{3}{4}$ da humanidade, deixando-a sem fôlego? Que Deus é esse que o homem desejaria ver longe para poder “respirar um pouco”?¹⁴ Elifaz apela à sabedoria de uma visão, Baldad à sabedoria dos antepassados. Sofar, porém, apela diretamente à sabedoria de Deus que “conhece as pessoas falsas e sem esforço discerne o crime” (Jó 11,11). Com isso ele afirma que Jó é falso e esconde cuidadosamente um crime. Sofar aponta as bênçãos para quem se arrepende e se converte. Mais uma vez temos o dogma da retribuição: “faça isto e você terá aquilo”. Contudo, do que um inocente deveria se arrepender?¹⁵

Até agora o livro de Jó levantou três desafios: ou o inocente não é inocente, ou os filhos dele estão errados, ou ele próprio esconde um grande crime. Até agora ninguém pensou na possibilidade de um inocente ser de fato injustiçado. Até o momento ninguém se perguntou de onde vem a injustiça. A injustiça vem daqueles que atribuem seu ato a Deus, e como não podem incriminar a Deus, incriminam o próprio inocente injustiçado.¹⁶ A concepção de um Deus distante, despótico e arbitrário vem daqueles que querem tirar vantagem sobre os outros, que não querem se comprometer com a solidariedade e com a opção pelos pobres e necessitados. A exclusão social é consequência de uma mentalidade egoísta. A teologia da prosperidade é interesseira e visa a sustentar e manter um *status quo*, pois a situação é boa para os abastados que não precisam se preocupar com os necessitados, e é uma situação precária para os marginalizados da sociedade, que não têm a quem recorrer, nem a Deus, pois eles mesmos são culpados e devem se converter. Quem ganha com tal concepção são os ricos, e quem perde são os pobres.

A religião não deve ser usada como instrumento de dominação social. Temos que reavaliar a imagem que temos de Deus, as nossas concepções. A teologia da prosperidade criou essa ideia de um Deus que retribui, de um Deus mercantil, que, aliás, é bem atual essa concepção. A imagem de um Deus distante, despótico e arbitrário, inculca medo e receio sobre aqueles que sofrem discriminação para que não revidem nem questionem. O grito de Jó, desde a indignação, desde o sofrimento, é questionador. O grito de Jó é o grito de protesto daquele que

¹³ Cf. *Id. Ibid.*, p. 22-23.

¹⁴ Cf. *Id. Ibid.*, p. 24.

¹⁵ Cf. *Id. loc. cit.*

¹⁶ Cf. *Id. Ibid.*, p. 25.



não compreende o que está acontecendo, é o grito da angústia. É um grito de rebeldia.¹⁷ A imagem que se tem do Deus da teologia da prosperidade é ideológica.

É preciso desmascarar a ideia que se tem de Deus. Como defender um Deus usando mentiras e injustiças? O argumento de Jó é a sua inocência, que não é uma tese, mas um fato. Jó busca a verdade, e não a consolação perante o sofrimento e a tragédia. Jó, mais do que um personagem, é um paradigma que coloca a questão da religião e de Deus, não em termos de verdade e mentira, mas em ser solidário ou não solidário. A compaixão nos faz participar da vida do outro. Jó é reivindicador, vai reclamar solidariedade. Que a realidade do sofrimento não seja dissimulada. Há injustos que triunfam e que aprisionam os filhos de Deus. Não podemos fechar os olhos para essa realidade. O que está em jogo não é a essência de Deus, mas a imagem de Deus.

Jó é inocente até o fim. Jó sabe que é inocente. A experiência da realidade não condiz com a proposta teológica da teologia da prosperidade. A verdade grita mais forte dentro da consciência de Jó que na proposta da religião. Isso causa um escândalo religioso tremendo. A proposta do livro de Jó é a de ver Deus de outro ângulo. Uma nova imagem de Deus é proposta. Fazer a experiência verdadeira de Deus leva a aceitar e entender a realidade, o sofrimento, a vida. O livro de Jó aponta para o aspecto da solidariedade. A teologia de Jó dá quatro saltos em relação à antiga teologia: renuncia a culpar Deus (não quer deturpar a imagem de Deus); renuncia à ideia de dualidade (que Deus seja sim e não, bem e mal); a libertação passa por purificar a imagem de Deus (o que escraviza o ser humano é a imagem que se faz de Deus); aceitar todo e qualquer questionamento (não aceitar apenas respostas pré-definidas, as respostas precisam ser construídas). Jó nos convida a rever a imagem que temos de Deus: dogmatismos, ritualismos, moralismos, etc. Os “ismos” são perigosos. Jó ensina que Deus acolhe aquele grito rebelde e justo, que não se deixa vender.

3. AS CAUSAS SEMPRE EXPLICAM TUDO?

Elifaz acusa Jó de estar destruindo a religião, ou seja, o temor de Deus, que era uma das virtudes fundamentais; e eliminando a oração, pois, em vez de suplicar pela piedade, Jó queria disputar com Deus. Desse modo, Jó estaria pretendendo ser mais sábio que a própria tradição dos antepassados, destruindo a religião, que no decorrer dos tempos, acumulou explicações para todos os acontecimentos. Elifaz quer reduzir o caso de Jó à busca de causas, eliminando tudo o que possa haver de novo em sua situação. É o medo que as pessoas religiosas têm de perder o controle sobre a vida do povo. Elifaz acusa Jó de ocultar pecados. Voltando a se referir ao dogma da retribuição, mostra que o castigo é sinal evidente de punição pela culpa, mesmo que escondida.¹⁸

As causas nem sempre explicam tudo, como no caso da tradição dos antepassados e do dogma religioso da retribuição. As explicações para todos os acontecimentos que se acumulam de forma cristalizada em uma tradição rígida e imutável dão segurança àqueles que têm

¹⁷ Para Teixeira, “o gemido de Jó é um eco do Espírito que clama e geme na realidade do povo e na história dos homens. É o gemido dos pobres que não aguentam mais essa situação de escravidão e opressão. Mas o que vem a ser um gemido? Gemido é um grito, é um ‘ai’ que custa, que dói. É um brado que está relacionado com a angústia e a dor” (TEIXEIRA, Evilázio. *op. cit.*, p. 10).

¹⁸ Cf. STORNILO, Ivo. *op. cit.*, p. 29.



interesses a manter, mas não se desafiam a buscar uma nova compreensão da realidade de modo mais amplo e aprofundado. As situações difíceis podem levar à descoberta de uma novidade, pois nos desafiam a ampliar a nossa visão da realidade, a sair da nossa zona de conforto, a amadurecer em nossas concepções. As situações difíceis desafiam o nosso modo de entender as coisas, nos desestabilizam. A novidade surge quando há abertura ao novo, quando a pessoa ou grupo se deixa desafiar.

A situação de dificuldade pela qual Jó passa reivindica uma ampliação de consciência, um questionamento: o justo sofre, por quê? É um questionamento radical para uma religião baseada no dogma da retribuição. Essa situação difícil não se enquadra nos parâmetros das causas que a tradição ou a religião vigente indicam para explicar semelhante situação. Uma novidade surge no horizonte religioso: o dogma da retribuição não é absoluto e não pode mais responder satisfatoriamente às questões que a vida apresenta com as causas que simplesmente elenca. No caso de Jó e da religião interesseira da retribuição, e também hoje a teologia da retribuição, as causas não explicam tudo e as situações difíceis levam à descoberta de uma novidade: a descoberta da solidariedade e da opção pelos pobres e necessitados. Isso o dogma da retribuição não poderia responder. Ele precisou ser questionado pelas situações que o contradiziam: o justo que sofre.

Jó ironiza os amigos, chamando-os de “consoladores importunos”¹⁹, que estão bem, e desrespeitam ou minimizam o que é mais importante para a pessoa que sofre em desespero: “isso não é nada!” Ou então pioram ainda mais o sofrimento alheio: “você não deveria ter feito isso!” São as pessoas incapazes de solidariedade (estar junto) e compaixão (sofrer junto).²⁰ O dogma da retribuição não consegue explicar a situação do inocente que sofre.²¹ Jó critica a falta de solidariedade dos três amigos e o completo abandono que vive. Por que essa falta de solidariedade? Certamente porque todos pensam que Jó é injusto e culpado, e ficar do lado dele seria ficar contra Deus. A situação se complica, mostrando como a rigidez do dogma da retribuição cria problemas: ou ficar do lado de Jó e contra Deus, ou ficar do lado de Deus e contra Jó. Por força do dogma da retribuição, ninguém quer ficar solidário com o inocente que sofre.

Alguma coisa está errada. Nesse momento Jó manifesta o fundo da sua consciência de justo e inocente. Jó quer justiça²², pois tem esperança que sua honra ultrajada seja resgatada. Jó coloca em cena a figura do Redentor (*go'el*), o árbitro mediador, a testemunha e defensor; é propriamente o resgatador de algo que havia sido perdido (liberdade, propriedade, entre outros); é o vingador do sangue. Jó espera que alguém seja seu vingador e resgate a sua honra.²³ Jó desafia a qualquer um que presencie o drama do inocente que sofre, e que escute esse inocente.²⁴ As pessoas têm medo de se solidarizar com o inocente que sofre porque não querem se envolver na trama e se prejudicar, pois a solidariedade leva à doação de si. É um

¹⁹ Segundo Dietrich, “no tempo de Jó se aprendia que todo sofrimento vinha de Deus. Mas Jó percebe que seu sofrimento vem das injustiças cometidas contra ele. [...] Jesus e Jó ensinam que mais importante que consolar os que sofrem injustamente é solidarizar-se com eles e proclamar um grito de rebeldia contra esta religião de consolo” (DIETRICH, Luiz José. *op. cit.*, p. 73).

²⁰ Cf. STORNIOLO, Ivo. *op. cit.*, p. 30.

²¹ Cf. *Id. Ibid.*, p. 32.

²² Cf. *Id. Ibid.*, p. 33.

²³ Cf. *Id. Ibid.*, p. 34.

²⁴ Cf. *Id. Ibid.*, p. 35.



desafio que faz a pessoa sair de si e ir ao encontro do outro, sem procurar uma retribuição, ir ao encontro só na gratuidade. Isso seria criticar uma religião da retribuição e prezar por uma religião da gratuidade, da solidariedade. E a solidariedade leva a isso: a se importar com o outro, a se doar, a doar a própria vida, a sair de si, do egoísmo, a buscar um altruísmo. Esse é o desafio que Jó nos propõe.

4. COMO PODEMOS VINGAR A HONRA DOS QUE SÃO INJUSTIÇADOS?

A falta de solidariedade gera o abandono de tantos injustiçados nesse mundo. No caso de Jó, essa falta de solidariedade por parte de seus familiares, parentes e amigos, se deve ao fato de que pensam que Jó é injusto e culpado, e ficar do lado dele, seria ficar contra Deus. Isso se deve à rigidez do dogma da retribuição. Ou se fica do lado de Jó e contra Deus, ou se fica do lado de Deus e contra Jó. Por força do dogma da retribuição, ninguém pode ficar solidário com o inocente que sofre, ou porque o sofredor não é inocente, ou, se for inocente, a pessoa terá que ficar contra Deus. Há um beco sem saída: ou se salva a Deus, condenando o inocente que sofre (é a posição dos três amigos); ou se condena o próprio Deus, a fim de salvar o inocente.²⁵

Jó está consciente de ser justo e inocente. Jó quer justiça. Quer a vingança da sua honra. Jó sabe que vai morrer. Para os partidários do dogma da retribuição, a situação chegou ao seu fim normal, pois o injusto foi totalmente punido. Porém, para Jó, resta a esperança de que sua honra ultrajada seja resgatada. O seu grande desejo é ver e experimentar a Deus. De maneira alguma Jó está pensando em vida após a morte. O que ele espera é para esta vida mesmo.²⁶ O grande propiciador da visão ou experiência de Deus será o Redentor. Quem seria ele? O árbitro mediador (*Jó 9,33*), testemunha e defensor (*Jó 16,19*). Redentor, em hebraico *go'el*, é propriamente resgatador de algo que se havia perdido: a liberdade (*Lv 25,47*), a propriedade (*Lv 25,33*), ou a própria vida, em caso de assassinato (*Nm 35,21*), sendo neste caso o *go'el* vingador do sangue. Jó espera que alguém seja o seu vingador e resgate a sua honra, proporcionando-lhe uma experiência de Deus.²⁷

Atualmente grande parte da humanidade sofre e morre como injusta e pecadora na visão do dogma da retribuição. Além da pobreza e da doença, é difamada e desonrada. Quem irá ser seu *go'el*, o resgatador ao menos de sua fama e de sua honra? Quem irá se solidarizar com ela, julgando, testemunhando, defendendo e vingando a sua inocência?²⁸ Esse é um desafio aberto a qualquer um que presencie o drama do inocente que sofre. É preciso mudar as mentalidades que escravizam o pobre e o fazem sofrer. Séculos depois, Jesus ouviu o desafio e respondeu afirmativamente, julgando, testemunhando, defendendo e redimindo (= vingando) todos os que ele encontrou na mesma situação. Por causa disso, Jesus foi morto. Será que é por causa disso que poucos se encorajam a seguir Jesus até o fim?²⁹ É preciso ouvir o grito de Jó e de grande parte da humanidade hoje. O exemplo de Jesus deve nos mover a vingar a fama e a

²⁵ Cf. *Id. Ibid.*, p. 33.

²⁶ Cf. *Id. Ibid.*, p. 33-34.

²⁷ Cf. *Id. Ibid.*, p. 34.

²⁸ Cf. *Id. loc. cit.*

²⁹ Cf. *Id. Ibid.*, p. 35.



honra dos que são injustiçados, com uma conduta profética de anúncio da Boa Nova e denúncia das injustiças e das mentalidades que escravizam o fraco e o marginalizam. O empenho solidário e a doação da própria vida são imperativos para o seguidor de Jesus.³⁰

Tanto em *Jó* 21,7-34, quanto no *Sl* 73,1-12, está descrita a figura do injusto que vive feliz. Trata do tema da prosperidade dos ímpios. Fala da paradoxal prosperidade dos malvados e a miséria dos justos. Jó fala da felicidade do injusto. Isso dói aos ouvidos israelitas e de todos os herdeiros de sua fé. Ao contrário do que afirma o dogma da retribuição, o injusto vive sossegado, próspero, fica cada vez mais rico, tem família feliz, não sofre, diverte-se, vive muito bem e morre tranquilamente. Até mesmo na morte o injusto se sai melhor. A experiência afirma o contrário do dogma da retribuição.³¹ No *Sl* 73,1-12 está descrita a prosperidade dos ímpios. Para eles não existem tormentos. A fadiga dos mortais não os aflige. Não são molestados como os outros. A violência os envolve como uma veste. A maldade brota de sua prosperidade e seu coração tem projetos maus. Falam oprimindo. Os ímpios estão sempre tranquilos e ajuntam riquezas.³²

Elifaz se apresenta como representante oficial da religião, falando em nome de Deus. Jó, porém, não se contenta com os intermediários religiosos oficiais, porque Jó conhece as respostas que darão. Convencido da própria inocência, quer uma chance para comparecer pessoalmente diante de Deus, expor seus argumentos e ganhar a causa. Como não tem dívidas nem cometeu erros, Jó não espera encontrar um Deus bondoso ou misericordioso, mas um Deus justo. De fato, o pobre e o doente precisam apenas de justiça. Bondade e misericórdia só o irritariam ou humilhariam, pois em geral essas são apenas formas de adiar ou substituir a justiça. Para realmente ser boa, a bondade deve vir depois da justiça. Por isso, os pobres não precisam de bondade e de misericórdia, e sim de justiça.³³ O Deus da classe dominante jamais fará caso dos oprimidos.³⁴

Bondade e misericórdia supõem justiça. O injustiçado anseia por justiça. É esse seu clamor. Fundamentalmente não haveria contradição entre bondade e misericórdia com a justiça, se a bondade e a misericórdia não fossem usadas pela religião da classe dominante para postergar o estabelecimento da justiça. Na realidade, acaba por haver contradição, pois a bondade e a misericórdia da religião oficial do dogma da retribuição defendem um *status quo* social

³⁰ Jó esperava o seu Redentor para resgatar a sua fama e a sua honra. Os injustiçados de hoje também anseiam pelo restabelecimento de sua dignidade. O empenho solidário pelo restabelecimento da justiça e a busca da dignidade humana é a resposta ao grito dos oprimidos de hoje. Precisamos ouvir esse grito, não se acostumar com essa situação de miséria e indignação, e nem justificar isso ideológica ou teologicamente. Podemos vingar a fama e a honra dos que são injustiçados no empenho solidário, lutando pelo restabelecimento das condições mais dignas da vida humana; e pelo empenho profético, na denúncia e no combate às ideologias que submetem os fracos em favor dos poderosos deste mundo, numa lógica de dominação.

³¹ Cf. *Id. Ibid.*, p. 39.

³² Tanto *Jó* 21,7-34, quanto o *Sl* 73,1-12, denunciam a injustiça daqueles que tiram proveito dos outros em benefício próprio, e que se enriquecem à custa da exploração e da maldade. A felicidade do injusto, sua vida sossegada e sua prosperidade, se erigem à custa da violência e opressão. Sobre a riqueza, pesa uma hipoteca social. O acúmulo nas mãos de poucos dos bens sociais gera uma situação de miséria para muitos. O coração das pessoas que exploram é cheio de maldade. Não há espaço para a solidariedade. Quando não há partilha, há acúmulo. Quando alguns possuem muito, muitos têm pouco. A crítica da injustiça e da opressão é muito forte nestes textos.

³³ Cf. *Id. Ibid.*, p. 41.

³⁴ Cf. *Id. Ibid.*, p. 43.



vigente, e legitimam uma prática de injustiça social generalizada. Abdica-se da justiça para ser bom aos olhos da religião, pois fazer justiça ao pobre é ajudar um culpado, um pecador. Usar de bondade para com um indigente, como no caso de Jó, seria voltar-se contra Deus que o puniu por alguma falta grave. Logo, dentro dessa ideologia do dogma da retribuição, há contradição entre bondade e misericórdia, de um lado, e justiça de outro. Ou melhor, a justiça é vista dentro dos parâmetros do dogma da retribuição, servindo de mecanismo de manipulação em favor da opressão que a classe dominante exerce sobre a oprimida.

5. OS REPRESENTANTES OFICIAIS DE UMA RELIGIÃO

Baldad percebeu que Jó atacou a ideia de providência divina. Então apresenta um contraste entre a grandeza de Deus e a pequenez do homem. Quem Jó pensa que é para querer debater pessoalmente com Deus? Interpretando: quem o pobre pensa que é para querer um encontro pessoal com o Deus da classe dominante, ainda passando por cima dos seus representantes oficiais? Baldad afirma que Deus é o Senhor absoluto de tudo o que existe, e que derrota o mal que contra Ele se revolta.³⁵ Jó tenta dizer aos representantes oficiais da religião que é um inocente injustiçado.³⁶ Os representantes oficiais de uma religião³⁷ sempre tentam reduzir um fato novo porque ele ameaça os seus dogmas, e ameaça os mecanismos de dominação que essa religião pode exercer sobre grande parte da sociedade em proveito de alguns. Com tudo o que ocorreu entre Jó e os representantes oficiais da religião, o dogma da retribuição não explica muita coisa. Ou Jó ou eles se declaram injustos. Mas Jó defende a sua inocência até o fim.

Os representantes oficiais da religião não querem que o dogma da retribuição, que sustenta toda uma ideologia de dominação social, seja aniquilado pelo testemunho de algo novo: um justo (inocente) que sofre. Isso é inexplicável pelo dogma da retribuição. Sendo assim, esse algo novo que aparece ameaça a configuração de religião vigente (a falsa religião), e acaba por apontar para uma revisão dos postulados que essa religião professa e defende, amparada pelo dogma da retribuição. Jó é um fato novo e as velhas explicações são os seus três amigos que defendem a religião do dogma da retribuição. Como pôr vinho novo em odres velhos? Vinho novo em odres novos! O que Jó vive é uma nova experiência que jamais se esgota em explicações. O que Jó necessita e busca é uma nova experiência de Deus que revele e faça desabrochar a sua nova experiência de vida.³⁸

Jó permanece solitário e em sua solidão faz um balanço dramático de sua vida e situação, abarcando o passado e o presente, e voltando-se para o futuro. Seu interlocutor direto é Deus,

³⁵ Cf. *Id. Ibid.*, p. 44.

³⁶ Cf. *Id. Ibid.*, p. 45.

³⁷ Dietrich lembra que “Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamã, os amigos de Jó, são defensores da teologia oficial. E é exatamente contra o Deus dessa teologia que Jó vai se manifestar” (DIETRICH, Luiz José. *op. cit.*, p. 31).

³⁸ A nova experiência e o fato novo que Jó vem trazer para confrontar as velhas concepções da religião oficial de sua época questionam o sistema vigente. A figura de Jó representa todos os pobres inocentes e injustiçados que não podem resignar-se nessa situação, mas que têm que resistir até o fim, com a esperança no Redentor, naquele que irá restabelecer a sua fama e a sua honra. Os pobres e fracos podem resistir até o fim apoiados em sua inocência e por serem justos, pois a justiça triunfará sobre a injustiça. Sua consciência dá a certeza do caminho a seguir, apontando para uma nova experiência de Deus mais genuína.



mas este não se manifestou.³⁹ O tempo todo Jó deseja um debate judicial com Deus para provar a sua inocência e, talvez, segundo o dogma da retribuição, acusar Deus de injustiça. Sua última palavra foi o desafio: “que o Todo-Poderoso me responda” (*Jó* 31,35). Deus, por fim, se manifesta, respondendo ao desafio de Jó. Curiosamente, porém, Deus não traz uma resposta. Ao contrário, faz novas perguntas. Isso é significativo, pois mostra que Deus não é resposta, mas é questionamento. Ele é o mistério que interroga, e quem deve procurar resposta é o próprio homem, no caso de Jó, o empobrecido e o enfraquecido. Não é por acaso que Deus se manifesta do meio da tempestade, que nessa situação simboliza a situação desesperadora de Jó: é de dentro da sua pobreza e doença que Deus fala. Qual seria a grande mensagem? Quem fala é Javé, o Deus do êxodo, da Aliança e do dom da terra, ou seja, aquele que se torna cúmplice do homem na sua busca de liberdade e de vida. Essa busca está sempre cheia de perguntas, exatamente as que Deus permanentemente faz, a fim de que o homem se desacomode e esteja sempre buscando uma resposta nova.⁴⁰

A religião oficial da classe dominante com suas respostas prontas, baseadas no dogma da retribuição, apenas acomoda o homem, não o provoca a caminhar por uma experiência nova de Deus e da vida. Além disso, legitima uma convivência social baseada na exploração e na exclusão, sem chances dessa ordem vigente ser questionada, a preço de anatematismo. Querer questionar isso é questionar a religião com seus dogmas, é ser herege. Jó é herege aos olhos dos representantes oficiais da religião. As perguntas que Deus suscita e nos faz são exatamente para nos acomodar com as respostas prontas, para continuarmos no êxodo e na fidelidade à Aliança. Muitas vezes é preciso fazer um “deserto”, e sair da “cidade dos homens” para se encontrar com Deus, na simplicidade, de coração aberto, sem nada mais em que se apegar a não ser nEle, e deixar-se questionar, a fim de fazer uma experiência mais genuína e verdadeira de Deus.

6. DEUS É DEUS, O HOMEM NÃO É DEUS

Os amigos de Jó “salvam Deus e condenam Jó”. Por sua vez, Jó se defende, afirmando sua própria justiça e inocência. Salva a si mesmo e condena a Deus. Aí está a armadilha criada pelo dogma da retribuição: ou Deus está certo e Jó errado, ou Jó é inocente e Deus é culpado. Por causa dessa teologia, a pessoa comete um “pecado teológico”, que consiste em se igualar a Deus para lhe pedir contas e até mesmo julgá-lo. Formula-se a imagem de um homem deificado que quer praticar a justiça que Deus não pratica. Mas há uma verdade que perpassa toda a Bíblia e que quase sempre é esquecida: “Deus é Deus, e o Homem não é Deus”. Reconhecer essa verdade é chegar ao temor de Javé, que é o princípio da sabedoria. Para que nossa relação com Deus seja mais genuína e verdadeira, é preciso reconhecer que nela se relacionam sujeitos desiguais, e o homem deve estar ciente disso, a fim de não trocar os pés pelas mãos e querer tomar o lugar de Deus, ou transformar Deus num joguete dos próprios caprichos. O homem paga muito caro quando comete esse engano.⁴¹

Deus é Deus, e o Homem não é Deus. É importante reconhecer isso para o homem não manipular uma imagem de Deus. É importante ao homem reconhecer a si mesmo em sua

³⁹ Cf. STORNILO, Ivo. *op. cit.*, p. 51.

⁴⁰ Cf. *Id. Ibid.*, p. 65-66.

⁴¹ Cf. *Id. Ibid.*, p. 68-69.



imanência e a Deus em sua transcendência. Não podemos reduzir Deus a concepções ideológicas que submetem as pessoas a uma situação de alienação espiritual e social. Deus quer a vida da humanidade e a sua dignidade. O Deus da Aliança é um Deus que firma com a humanidade um pacto de vida. Deus caminha com o homem, é o Deus do êxodo. O Deus verdadeiro não pode ser reduzido aos projetos puramente humanos. Deus tem o seu projeto para a humanidade. É preciso reconhecer que Deus é Deus, e que o Homem não é Deus, para não formarmos uma concepção de homem deificado que submete outros homens ao seu domínio com a formulação de dogmas inquestionáveis, que não favorecem a dignidade humana para todas as pessoas, visando a manutenção de um *status* social injusto. É preciso fazer uma experiência genuína de Deus e defender a dignidade humana em sua integralidade. É preciso combater a falsa religião dos ídolos que o homem fabrica.

CONCLUSÃO

Jó nos propõe o desafio da verdadeira religião: não a religião do dogma da retribuição, mas da gratuidade e da graça. Deus se oferece como graça pura e o homem lhe responde gratuitamente, com fé pura. Um relacionamento que, da parte humana, se funda no reconhecimento e na gratidão. Não é preciso negociar comercialmente com Deus, pois Ele já deu tudo de antemão a todos.

Todos receberam de graça o universo inteiro e a estrutura do próprio ser, junto com o dinamismo que leva o ser à sua total realização. No ato criador, todos receberam tudo para emergir em plena liberdade e vida.⁴² A má compreensão de si leva os indivíduos a buscar a sua realização em caminhos escusos, que consistem principalmente em se apropriar, ou melhor, roubar a chance dos outros, acumulando liberdades e formando poder, acumulando bens e formando riquezas. Daí por diante começa a negociação: quem quiser liberdade e vida (bens) tem que pagar, e pagar caro, pois uma vez constituídos, o poder e a riqueza não são mais partilhados gratuitamente. Daí decorre que os pobres e fracos são julgados como não merecendo o que lhes é de direito: uma vida digna.⁴³

O livro de Jó nos faz um convite a rever a imagem que de Deus temos e qual é a nossa real experiência. Jó rejeita a imagem de Deus que lhe é imposta por alguns costumes ou teologias que não coincidem com sua experiência. Não aceita uma religião superficial que, em nome da piedade, pode conformar-se e guardar silêncio. Jó ensina que Deus acolhe o grito rebelde de quem não se submete a vender a realidade por uma doutrina. A verdade padece, mas não perece.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

BORN, A. Van Den (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 3. ed. Trad. Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1985.

⁴² Cf. *Id. Ibid.*, p. 77-78.

⁴³ Cf. *Id. Ibid.*, p. 78.



DIETRICH, Luiz José. *O grito de Jó*. São Paulo: Paulinas, 1996.

HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*. 2. ed. Trad. Josué Xavier; Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1985 (Biblioteca de Estudos Bíblicos).

STORNILO, Ivo. *Como ler o livro de Jó: o desafio da verdadeira religião*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

TEIXEIRA, Evilázio. *O gemido de Jó, gemido do povo: peça teatral sobre o livro de Jó*. São Paulo: Paulinas, 1997.

Recebido em: 26/07/2016

Aprovado em: 11/10/2016